



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA The importance of the study of the Bible original languages

Rafael Vicente Gavioli Tomazini¹

William Lacy Lane²

Jonas Silva Faria³

RESUMO

A abordagem de assuntos relacionados aos idiomas originais da Bíblia pode despertar certa aversão para os que se envolvem com as Escrituras Sagradas. Considerando a Bíblia como única regra de fé e prática dos cristãos, é inegociável a prioridade de um estudo aprofundado de seus escritos, principalmente na formação de teólogos. Portanto, o presente trabalho busca levantar questões que contribuam com as atividades educativas e conscientizem todos os envolvidos na área teológica a respeito da importância do estudo dos idiomas originais da Bíblia, grego e hebraico, para o enriquecimento da compreensão bíblica bem como sua correta disseminação.

Palavras-chave: Exegese. Grego. Hebraico. Idiomas originais. Teologia.

ABSTRACT

The study of topics related to the original language of the Bible generally evokes certain aversion among those involved with the Holy Scriptures. Considering the Bible as the only rule of faith and practice of Christians, is not negotiable the priority for a detailed study

¹ Acadêmico do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Maringá-PR.
rafatom83@gmail.com

² Docente do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Maringá-PR. Orientador.
revlane@gmail.com

³ Coordenador do Curso de Teologia do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR; Co-Orientador.
jonas.faria@unicesumar.edu.br

of his writings, mainly in formation of theologians. Therefore, the present work seeks to raise questions that contribute to the educational activities in churches and to call the attention of all those involved in theological area to the importance of the study of the original languages of the Bible, Greek and Hebrew, to the enrichment of biblical understanding as well their correct dissemination.

Keywords: Exegesis. Greek. Hebrew. Original languages. Theology.

INTRODUÇÃO

As "linhas" que compõem a teologia brasileira passam por um momento de fragilidade, como consta na observação de Sayão. O autor aponta para a necessidade dos conhecimentos históricos, filosóficos, exegéticos e também dos idiomas originais da Bíblia para que realmente seja produzida teologia de qualidade quando o que se tem observado é a ocorrência de teologias "malfeitas". Em entrevista concedida à revista Liderança Hoje, Luiz Sayão indica os perigos inerentes e os danos que podem ocorrer no exercício teológico sem a devida aplicação das línguas originais da Bíblia:

O grande problema é a manipulação do texto, pois a falta de informação técnica e objetiva é substituída por ideias próprias e o texto acaba servindo a outros propósitos que não os do autor [...]. O grande perigo da atitude de rejeitar a pregação com fundamentação exegética é que pomos o texto bíblico em segundo plano. Consequentemente, o pregador será refém de sua visão subjetiva.⁴

A abordagem de assuntos relacionados aos idiomas originais geralmente desperta certa resistência para os que se envolvem com as Escrituras Sagradas, mesmo entre seminaristas, acadêmicos e professores. "Para alguns cristãos, ouvir referências ao grego ou ao hebraico pode ser bastante intimidador".⁵ A conclusão dos autores levanta uma questão de grande dificuldade na atualidade, o afastamento dos textos originais na interpretação bíblica.

Krahn afirma que várias instituições de formação teológica, de maneira equivocada, dedicam pouquíssimo investimento para o estudo das línguas originais bíblicas. Uma das justificativas mencionadas é o alto custo aplicado para a constatação de poucos resultados, afinal a maioria dos obreiros não utiliza as línguas nas tarefas cotidianas de seu ministério.⁶

O constante desleixo na abordagem das Escrituras é relatado por Carson, "[...] infelizmente, as falácias exegéticas são frequentes entre nós, cuja graça e responsabilidade recebidas de Deus são a fiel proclamação de Sua Palavra".⁷ O autor afirma que, muitas vezes, a busca pelo sentido dos textos bíblicos leva alguns intérpretes a buscar soluções hermenêuticas atraentes, que aparentam certo requinte e autenticidade, mas carregam em si os mais diversos erros e argumentos sem embasamento, os quais se apresentam como

⁴ ZÁGARI, Maurício. Pregador não é para qualquer um. **Revista Liderança Hoje**, Niterói, n. 4, 2013, p. 19.

⁵ KAISER Jr, Walter; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 46.

⁶ KRAHN, Marie Ann Wangen. O estudo das línguas bíblicas: descartável ou essencial? **Revista Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 46, n. 1, 2006, p. 7-21.

⁷ CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.13.

perigosas ciladas que podem causar o fracasso hermenêutico, tropeçando em armadilhas gramaticais, lógicas, históricas, de vocabulário e de pressupostos.

Osborne observa que vários críticos modernos argumentam não ser possível encontrar o sentido original ou pretendido dos textos bíblicos, já que os autores que os escreveram não estão acessíveis para a explanação de suas mensagens.⁸ Desta forma, o significado pretendido pelos autores estaria perdido para sempre; entretanto, tal posicionamento pode ser um fomentador da situação descrita a seguir:

Hoje em dia, percebo que há uma abertura geral em quase todas as igrejas para ouvir ideias doutrinárias e teológicas diferentes. Até mesmo as editoras evangélicas têm publicado livros das mais variadas correntes teológicas. No final das contas, a abertura é tão grande que há pouco exame e discernimento do que está à disposição.⁹

Uma advertência antiga aponta para este dilema atual através de Lutero "[...] se não houver ninguém que possa julgar se o pregador ou professor ensina corretamente, este pode, muito bem, interpretar a Escritura do começo ao fim como quiser, quer acerte quer erre o sentido".¹⁰

Sob a luz da Reforma Protestante, é indispensável observar a perspectiva de Lutero, que considera a Teologia como uma ciência dependente do conhecimento linguístico. Referindo-se aos pregadores que não possuem tal conhecimento, o reformador os descreve como indivíduos que não abordam a Escritura de maneira sólida e confiável.¹¹ Krahn diz que, de acordo com as conclusões de Lutero, por meio das quais ele abordou as Escrituras, a própria fundamentação do movimento protestante estaria utilizando as línguas originais para a interpretação bíblica.¹²

Toda tradução naturalmente reflete características particulares do tradutor, influenciando o leitor para determinadas interpretações do conteúdo escrito. Uma admoestação importante pode ser encontrada na afirmação a seguir:

Nunca nos esqueçamos, porém, que quando lemos uma tradução em nossa língua, estamos de fato reconhecendo, mesmo que indiretamente, nossa dependência dos estudiosos. Alguém teve que aprender as línguas bíblicas e fazer grandes esforços por um longo período de tempo antes que os demais leitores pudessem fazer uso de alguma tradução que entendessem. Embora as Escrituras afirmem que temos acesso direto a Deus, as Escrituras também deixam claro que Deus outorgou mestres à sua igreja (ex., Ef 4.11). Certamente não haveria razão alguma para se ter mestres se os cristãos nunca precisassem de orientação e instrução em sua compreensão da revelação de Deus.¹³

⁸ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁹ SAYÃO, Luiz A. T. **Agora sim! teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 18.

¹⁰ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, p. 316.

¹¹ LUTERO, 1995.

¹² KRAHN, 2006.

¹³ KAISER; SILVA, 2002, p. 47.

Neste sentido, Silva afirma que "na verdade, sempre se perde algo quando se traduz de uma língua para outra, ainda mais quando se trata de textos antigos".¹⁴ O autor aponta para a "ingenuidade" existente de considerar as traduções bíblicas como uma fiel representação dos textos originais em sua perfeita substituição. Critica também o conceito do senso comum a respeito das diferentes traduções, que teoricamente apresentariam sempre o mesmo conteúdo citado em palavras diferentes. Para o autor, mesmo as simples diferenças já indicam que os textos não estão dizendo a mesma coisa.

Quanto à utilização das Bíblias em português, Lopes afirma que, mesmo que esta possa ser lida com confiança a Bíblia na língua portuguesa, é necessário reconhecer que em muitos casos os tradutores precisaram tomar decisões relacionadas com a melhor maneira de expressar um determinado termo ou expressão, decisões que, não sendo inspiradas por Deus, nem sempre se mostram como as mais corretas ou adequadas.¹⁵

Diante de tais observações, o presente estudo busca levantar elementos e argumentos, que apoiem e defendam o caráter imprescindível do emprego dos idiomas originais da Bíblia para os estudos teológicos nas diversas áreas de seu alcance, inclusive buscando enfatizar este enfoque como uma forma de preservação. Como argumenta Lutero "[...] embora o Evangelho tenha vindo a nós exclusivamente pelo Espírito Santo e ainda venha diariamente, isso aconteceu por intermédio da linguagem e através dela se desenvolveu; e por meio dela também há de ser preservado".¹⁶

Somando a importância indispensável da compreensão textual bíblica para o fazer teológico e eclesiástico, é natural considerar que o estudo das línguas originais bíblicas deve ocupar um espaço de grande importância entre as disciplinas de formação dos teólogos. De acordo com o pensamento de Sproul, não é possível para um cristão evitar a teologia. O autor afirma que mesmo que não seja no sentido profissional ou técnico da expressão, todo cristão de alguma forma é um teólogo.¹⁷ A questão levantada é se ser bons ou maus teólogos. Dentro desta ótica, é necessário, antes de tudo, o entendimento do conceito que gira em torno do significado e das práticas envolvidas na teologia.

1. QUESTÕES PRELIMINARES

1.1 Teologia

De acordo com Libânio, a palavra "teologia" é resultado da união de dois termos de origem grega, θεός ("Deus") e λόγος ("estudo"). Para o autor, tal expressão aparentemente se incorpora à linguagem cristã a partir dos séculos IV e V, significando a autêntica compreensão das Escrituras.¹⁸ Para Zilles, o termo *Teologia* foi uma criação dos antigos

¹⁴ SILVA, Cássio M. D. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 14.

¹⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

¹⁶ LUTERO, 1995, p. 311.

¹⁷ SPROUL, R. C. **O conhecimento das Escrituras: passos para um estudo bíblico sério e eficaz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

¹⁸ LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

filósofos gregos para indicar uma disciplina cuja busca seria o fundamento derradeiro das coisas.¹⁹

Mondim afirma que a palavra "teologia" aparece pela primeira vez em Platão e Aristóteles²⁰, informação também encontrada em Libânio²¹, que indica que Platão aplicou o termo para se referir ao discurso sobre Deus ou os deuses, enquanto Aristóteles delimitou a expressão como um campo de conhecimento, que trataria das causas eternas, imutáveis e necessárias.

De acordo com Boff, a original aplicação pagã do termo "teologia" gerou dificuldades na adaptação ao ambiente cristão, que só aconteceu a partir da Idade Média, quando entrou em discussão a abordagem científica da reflexão da fé. Assim escreve o autor: "A teologia é uma ciência a seu modo, uma ciência *sui generis*. É um saber ou disciplina que tem uma analogia estrutural com o saber científico em geral".²²

Uma definição "operacional" apontada por Costa indica a Teologia como um estudo ordenado da revelação especial de Deus, que tem seus registros nas Escrituras Sagradas. O autor afirma que o próprio teólogo tem conhecimento de que a Teologia é uma busca humana que visa à compreensão e à sistematização da revelação divina, de forma que se dirige sempre em busca de uma compreensão mais "exaustiva" das Escrituras.²³ Zilles expõe a teologia como uma reflexão metódica a respeito da realidade, colocada sob a luz da fé e da revelação.²⁴ Uma descrição inspiradora, se não poética, é apresentada por Boff:

A teologia é a fé que se vertebra, a partir de dentro, em discurso racional. É o desdobramento teórico da fé. É seu desabrochamento intelectual. Teologia é *fides in status scientiae* (a fé em estado de ciência). É o pathos que toma a forma do logos, a experiência que se faz razão. É a sabedoria no modo do saber [...]. A teologia não acrescenta materialmente um pingão de luz à fé. Desenvolve apenas seu conteúdo material. Desdobra suas virtualidades latentes. É a ratio estendendo o intellectus: a razão explanando a intuição.²⁵

Assim, é razoável acatar a afirmação sintética apontada por Libânio: "nesse sentido, a teologia trata de Deus, mas mediado pela fé, pela acolhida de sua Palavra, que, por sua vez, nos vem comunicada pela revelação transmitida na Tradição da Igreja - escrita, vivida, pregada, celebrada, testemunhada".²⁶ Nesta perspectiva, Boff afirma que "A Bíblia contém várias *chamadas* no sentido de desenvolver um discurso teológico".²⁷

Para Zilles, a tarefa da teologia envolve "traduzir" a revelação por ela aceita para sua inserção em novas linguagens e culturas. Para tanto, no processo teológico, é necessário que

¹⁹ ZILLES, Urbano. **Desafios atuais para a Teologia**. São Paulo: Paulus, 2011.

²⁰ MONDIM, Batista. **Quem é Deus?: elementos de teologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 1997.

²¹ LIBÂNIO, 2001.

²² BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p.40

²³ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Fundamentos da Teologia Reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

²⁴ ZILLES, 2011.

²⁵ BOFF, 2009, p. 31.

²⁶ LIBÂNIO, 2001, p. 67.

²⁷ BOFF, 2009, p. 569.

o indivíduo recorra à razão, pois a revelação de Deus se aplica ao ser humano de maneira integral.²⁸ Nesse sentido, Boff afirma:

Sem dúvida, a teologia é um saber próprio e autônomo. Porém, para se desdobrar e se realizar conceitualmente, esse saber necessita de outros saberes. Falamos aqui em termos de "saber" para designar toda sorte de conhecimentos humanos, em particular a filosofia e assim as chamadas ciências.²⁹

Zilles adverte que os teólogos não devem rejeitar as perguntas relacionadas às novas descobertas relativas ao conhecimento científico e filosófico.³⁰ “A teologia é sempre atual. Ela levanta a ‘questão eterna’ do Sentido radical da existência e do mundo”.³¹ Desta forma, pode-se afirmar que a teologia tem, na sua finalidade, a constituição de uma relação entre os textos de sua área e a realidade presente em outros ambientes científicos, num diálogo interdisciplinar. Naturalmente, este exercício envolve o estudo dos textos originais das Escrituras.

1.2 Hebraico

De acordo com Francisco, o hebraico é idioma componente do grupo noroeste de uma família de línguas semíticas, cuja formação provavelmente se deu a partir da ocupação hebraica em Canaã. O confronto com o idioma local semito-cananeu gradativamente resultou em uma mescla, cujo produto teria sido então a língua hebraica.³²

“Os primeiros documentos onde essa escrita aparece provavelmente remontam ao século II a.C.”³³ O autor ainda afirma que, apesar de o alfabeto hebraico ser proveniente da escrita aramaica, não se deve ignorar a formação de sua escrita paleo-hebraica. Para Fischer, de todo o texto do Antigo Testamento, apenas algumas pequenas seções não foram escritas em hebraico, e sim em aramaico, sendo elas Jeremias 10.11; Daniel 2.4 - 7.28; Esdras 4.8-6.18; 7.12-26.³⁴

É preciso considerar que o hebraico, além de ser uma língua antiga e diferente, traz consigo uma soma de culturas e símbolos arcaicos de caráter oriental. A língua hebraica naturalmente passou por diversas alterações no decorrer de sua história, seu vocabulário se mostra repleto de termos de cunho moral e religioso, marca inegável de uma cultura forjada pela fé. Higounet chama a atenção para as nuances e a delicadeza da língua hebraica:

Para que não houvesse confusão na leitura do Antigo Testamento, foi necessário notar com sinais (pontos ou acentos) as vogais, a pronúncia das consoantes e o lugar do acento tônico. O sistema de notação atualmente utilizado (sistema de Tiberíades) remonta ao século VIII [...], algumas letras

²⁸ ZILLES, 2011.

²⁹ BOFF, 2009, p. 365.

³⁰ ZILLES, 2011.

³¹ BOFF, 2009, p. 407.

³² FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico** - Português - Volume 1 - Pentateuco. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

³³ HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003, p. 72.

³⁴ FISCHER, Alexander A. **O texto do Antigo Testamento**: edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

têm a particularidade de ser dilatáveis para evitar cortar palavras no fim das linhas, outras têm formas finais diferentes das formas iniciais ou médias. As letras também são utilizadas como sinais numéricos.³⁵

A riqueza das construções verbais no hebraico são propriedades nas quais as particularidades da língua se mostram mais evidentes. Sayão afirma que mais importante que o tempo do verbo, é se a ação descrita por ele é acabada ou não, e esta situação, em muitas ocorrências, será apontada somente através do contexto. O idioma também não apresenta muitas ideias abstratas, suas palavras geralmente expressam conceitos concretos, o que dificulta muito a tradução literal para outras línguas. Sayão destaca algumas características particulares da língua hebraica:

No caso do hebraico, uma característica interessante da língua é a sua concisão. A antiga língua dos hebreus usava poucas palavras para dizer muito. Os verbos de ligação são dispensados, os pronomes pessoais estão embutidos na maioria das formas verbais, e algumas preposições e sufixos de posse aparecem anexados aos substantivos.³⁶

Para Krahn, estudar a língua hebraica torna possível hoje o conhecimento do relacionamento entre Deus e seu povo, ampliando inclusive a própria expressão do pesquisador atual, levando também ao conhecimento do contexto cultural e do modo de pensar da época e da região.³⁷ Francisco afirma que, através do texto hebraico, é possível a percepção das peculiaridades textuais do Antigo Testamento, bem como examinar criticamente as variadas versões bíblicas do texto hebraico e conhecer expressões importantes para estudos teológicos e linguísticos.³⁸

1.3 Grego

As origens do idioma grego, segundo Lasor, pertencem a uma família linguística comumente chamada de Indo-Europeia, difundida a partir da Índia e alcançando a Europa Ocidental. O autor indica que "o grego é o idioma falado pelos gregos que se autodenominavam "helenos" e, ao seu idioma, "helênico". Eles habitavam a região atualmente conhecida como Grécia".³⁹

Angus escreve que os helenos compunham, originalmente, diversas tribos, das quais os dóricos e os jônios tornaram-se as principais. O dialeto inicial foi o dórico e a fala jônica veio logo a seguir, enquanto o dialeto ático surgiu como intermediário entre os demais, conhecido posteriormente como grego clássico, é o dialeto que formou a base do grego *coine* (comum) ou "helenístico", que se trata do idioma no qual foi escrito o Novo Testamento.⁴⁰

³⁵ HIGOUNET, 2003, p. 74.

³⁶ SAYÃO, 2001, p. 18.

³⁷ KRAHN, Marie Ann Wangen. **Ensino e aprendizagem do hebraico**: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, Setembro de 2004.

³⁸ FRANCISCO, 2012.

³⁹ LASOR, William Stanford. **Gramática sintática do Grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1.

⁴⁰ ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2003.

De acordo com Wallace, o grego *coiné*, que significa "comum", tem origem relacionada às conquistas militares de Alexandre, o Grande.⁴¹ Mais especificamente na aliança tribal decorrente de seu domínio, quando houve uma mescla de diversos dialetos regionais, que, segundo Angus, combinaram-se no dialeto comum helênico, que ocupou a posição de língua universal até o final do primeiro século.⁴²

O grego *coiné* possui vários níveis diferentes dentro do Novo Testamento. Lasor explica que livros como "Lucas" e "Hebreus" apresentam um nível mais literário enquanto "Apocalipse" sugere uma condição mais "usual". Entretanto, um elemento marcante é a presença de um caráter semítico em todo o relato neotestamentário.⁴³ Angus argumenta que o grego encontrado nas Escrituras foi escrito por judeus que se apropriaram do idioma grego, no entanto sem abrir mão da forma de pensar hebraica, ainda impregnada pela linguagem da Septuaginta, que inevitavelmente forma base específica de interpretação para o Novo Testamento.⁴⁴

Conclui-se, portanto, que o conhecido grego-helenístico possui na verdade muitas propriedades hebraicas, e assim como a língua semítica, o sistema verbal do grego neotestamentário apresenta profundidade em sua ação verbal, uma característica que destaca de forma especial a mensagem do Evangelho.

2. A EXEGESE E O ESTUDO DOS TEXTOS ORIGINAIS

2.1 Conceito de Exegese

A exegese, segundo Lasor "é o processo de descobrir o significado pretendido pelo autor".⁴⁵ O autor afirma ainda que a exegese é parte do aprendizado de um idioma, por isso as tentativas de se realizar a exegese bíblica sem a utilização das línguas originais trarão grandes dificuldades para a percepção do pesquisador. É possível identificar um posicionamento consoante na citação abaixo:

Exegese, portanto, responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao que ele disse (o contexto propriamente dito) quanto a por que ele o disse num determinado lugar (o contexto literário) — na medida em que isso pode ser descoberto, dada nossa distância em tempo, linguagem e cultura. Além disso, a exegese ocupa-se, fundamentalmente, com a intencionalidade: O que o autor bíblico tencionava que seus leitores originais compreendessem?⁴⁶

Bentho descreve a exegese como o estudo que se refere à extração do entendimento do texto, de forma que o intérprete não venha a inculcar nele suas próprias opiniões. O autor

⁴¹ WALLACE, Daniel B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Batista Regular, 2009.

⁴² ANGUS, 2003.

⁴³ LASOR, 2000.

⁴⁴ ANGUS, 2003.

⁴⁵ LASOR, 2000, p. 10.

⁴⁶ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 25.

ainda descreve exegese como "ciência da interpretação", destacando a aposição do final do termo grego *σίς*, cuja expressão indica ação,⁴⁷ uma abordagem também encontrada em Wegner:

O termo deriva-se da palavra grega *ἐξηγήσις* / *exegesis*, que tanto pode significar apresentação, descrição ou narração como explicação e interpretação. Quando se fala de exegese bíblica, entende-se o termo sempre no segundo sentido aludido, ou seja, como explicação/interpretação. Exegese é, pois, o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos.⁴⁸

Exegese, portanto, em relação à Bíblia, pode ser definida como a prática teológica que descreve de forma detalhada as etapas adequadas para a formação de uma interpretação adequada.

2.2 Conceito de Hermenêutica

Wegner explica que o termo "hermenêutica" possui significado análogo ao da palavra exegese, procedente do verbo grego *ἑρμηνεύειν* / *hermeneuein*, cujo significado seria "interpretar". No entanto, o autor também afirma que é importante distinguir que a hermenêutica tem em seu emprego designar os elementos que conduzem à interpretação dos textos.⁴⁹ Zuck descreve de maneira figurada este conceito: "A hermenêutica é como um livro de culinária. A exegese é o preparo e o cozimento do bolo [...]. A hermenêutica fornece as regras ou as diretrizes, os princípios e a teoria que regem a maneira correta de compreender a Bíblia".⁵⁰

O intuito da hermenêutica aponta para a regulamentação da interpretação das Escrituras para as aplicações mais adequadas: "Seu objetivo primário é estabelecer regras gerais e específicas de interpretação, a fim de entender o verdadeiro sentido do autor ao redigir as Escrituras. É a ciência da compreensão de textos bíblicos".⁵¹ Zuck afirma que a palavra hermenêutica se refere a "Hermes", figura mitológica cuja missão seria trazer ao ser humano as mensagens divinas que estavam além de seu entendimento; com o passar do tempo, o termo passou a significar a ação de levar alguém a compreender algo em seu próprio idioma.⁵²

A hermenêutica é importante para a capacitação do pesquisador em sua transição do texto para o contexto. Osborne considera esta trajetória fundamental para que o significado presente na inspiração divina nas Escrituras tenha também, na atualidade, o mesmo impacto e relevância que tenha proporcionado em sua ambiência originária. Apenas uma hermenêutica precisa pode manter o vínculo autêntico entre o pesquisador e o texto, de

⁴⁷ BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica, fácil e descomplicada**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

⁴⁸ WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2001, p. 11.

⁴⁹ WEGNER, 2001.

⁵⁰ ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 24.

⁵¹ BENTHO, 2003, p. 55.

⁵² ZUCK, 1994.

forma que os expositores anunciem integralmente a Palavra de Deus e não suas opiniões subjetivas.⁵³

2.3 A necessidade do estudo dos textos originais da Bíblia

A importância do estudo de textos originais na atualidade não deve ser subestimada. Embora muitas escolas teológicas estejam dando menor atenção ao estudo das línguas originais da Bíblia, há quem defenda a necessidade delas para a formação de obreiros e teólogos. Krahn defende:

Hoje, mais do que em épocas passadas, é necessário que obreiros tenham um embasamento firme da sua teologia, pois estamos cada vez mais rodeados de religiões, seitas, crenças que questionam valores e conceitos tradicionais. Para podermos dialogar inteligentemente com pensamentos e maneiras diferentes de expressar a fé, é necessário ter conhecimento e convicção.⁵⁴

A observação supracitada aponta para uma problemática real e presente: teologias firmadas em bases duvidosas, que utilizam as Escrituras através de abordagens interpretativas distorcidas. Situação esta que rebusca uma antiga observação, o distanciamento qualitativo entre pregadores superficiais e expositores profundos das Escrituras, conforme citação a seguir:

Um simples pregador dispõe (é verdade), com base em traduções, de suficientes enunciados e textos claros para entender e ensinar a Cristo, viver uma vida piedosa e pregar a outros. No entanto, para interpretar a Escritura e tratá-la autonomamente e para combater aqueles que citam a Escritura erroneamente e para isso não tem formação; sem línguas isso não é possível, mas na cristandade sempre se precisa destes profetas que estudam a Escritura e a interpretam e que também sejam aptos para o debate; para tanto não basta uma vida piedosa e o ensino correto.⁵⁵

O ensino dos idiomas originais da Bíblia, conforme o pensamento de Krahn, deve ser aplicado como ferramenta para uma interpretação mais densa, crítica, com maior criatividade e autonomia, buscando um fazer teológico de maior fidelidade e até mesmo uma melhor contextualização. Em entrevista para a revista "Liderança Hoje", o teólogo Luiz Sayão declara que "Desconhecer as línguas originais para o pregador e para o teólogo é como um médico que não estudou Anatomia ou como um engenheiro que deixou Cálculo e Geometria de lado. É menosprezar a base".⁵⁶ Este posicionamento não é exclusividade dos dias atuais, como mostra a radical preocupação de Lutero a respeito do assunto:

É pecado e vergonha quando não entendemos nosso próprio livro e não conhecemos a linguagem e a palavra de nosso Deus, é pecado e prejuízo ainda maior quando não estudamos as línguas, ainda mais quando agora Deus nos oferece pessoas e livros e todos os recursos auxiliares [para o

⁵³ OSBORNE, 2009.

⁵⁴ KRAHN, 2006, p. 19.

⁵⁵ LUTERO, 1995, p. 314.

⁵⁶ ZÁGARI, 2013, p. 19.

estudo das línguas] e nos convida para tanto, querendo que seu livro seja acessível a todos.⁵⁷

Costa defende que os escritos originais são os verdadeiros depositários da inspiração divina, de maneira que nenhuma tradução possui qualquer possibilidade de ocupar o lugar de autoridade determinante sobre os textos das Escrituras. Circunstância que deveria estimular um estudo minucioso do criticismo textual e da filologia, de forma que o estudioso possa se aproximar o máximo possível do texto original. Tal argumento encontra apoio na afirmação a seguir: "Muitos textos bíblicos, quando traduzidos à luz da gramática das línguas originais e de uma exegese sólida, comunicam a ideia do autor com maior clareza e mais impacto".⁵⁸

De acordo com Angus, existem alguns benefícios que podem apenas ser obtidos exclusivamente através do estudo dos idiomas originais da Bíblia, como a dedução exata de certas palavras, sutilezas particulares de expressões idiomáticas, diferentes graus de significação de sinônimos e sensíveis diferenças nas passagens paralelas. O autor afirma que todos estes elementos podem ficar velados até mesmo nas traduções mais qualificadas. Lasor expressa a necessidade desta consciência:

Quando o autor escreveu, expressou-se de acordo com certas regras gramaticais aceitas, e ele só poderia ser compreendido pelos seus contemporâneos se utilizasse tais regras. Ele só poderia ser compreendido adequadamente por nós se aprendermos e seguirmos as mesmas regras.⁵⁹

Krahn afirma que, através dos idiomas originais, é possível visualizar e entender melhor os passos exegéticos, ajudando o pregador a ser mais autônomo e identificar questões importantes de forma mais direta. Preparando também o teólogo para reconhecer as razões das diferenças entre traduções e até mesmo questionar de maneira inteligente os comentaristas, provendo também maior segurança na interpretação e nos conceitos presentes no texto.⁶⁰

2.4 Análise bíblica com o estudo do texto original (Tiago 4.4-6)

Considerando as definições e os argumentos apresentados, é importante entender como o estudo dos idiomas originais pode na prática conduzir a uma interpretação mais adequada das Escrituras. Para tanto, será demonstrada uma simples análise de alguns termos-chaves de uma perícopé bíblica. O texto selecionado abrange os versículos 4, 5 e 6 do capítulo 4º da epístola de Tiago, um livro do Novo Testamento e conseqüentemente redigido originalmente em grego. Abaixo, segue o texto em algumas traduções bíblicas diferentes:

Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou pensais que em vão diz a escritura: O Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme? Todavia, dá maior graça. Portanto diz:

⁵⁷ LUTERO, 1995, p. 315-316.

⁵⁸ SAYÃO, Luiz A. T. **NVI, a Bíblia do século 21**. São Paulo: Vida, 2001, p. 67.

⁵⁹ LASOR, 2000, p. 11.

⁶⁰ KRAHN, 2004.

Deus resiste aos soberbos; dá, porém, graça aos humildes. (Tiago 4.4-6. Tradução de João Ferreira de Almeida).

Vocês são semelhantes a uma esposa infiel que ama os inimigos do marido. Vocês não percebem que fazer amigos entre os inimigos de Deus - os prazeres pecaminosos deste mundo - torna vocês inimigos de Deus? Eu volto a dizer que se o objetivo de vocês é desfrutar o prazer pecaminoso do mundo perdido, vocês não podem ser também amigos de Deus. Ou que acham vocês que as Escrituras querem dizer quando afirmam que o Espírito Santo, que Deus pôs em nós, vigia sobre nós com terno ciúme? Mas Ele nos dá cada vez mais forças para resistir a todos esses maus desejos. Como dizem as Escrituras, Deus dá força ao humilde, mas Se opõe ao orgulhoso e ao arrogante. (Tiago 4.4-6. Nova Bíblia Viva).

Adúlteros, não sabeis que a amizade com o mundo é inimidade com Deus? Assim, todo aquele que quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus. Ou julgais que é em vão que a Escritura diz: Ele reclama com ciúme o espírito que pôs dentro de nós. Mas ele nos dá uma graça maior, conforme diz a Escritura: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. (Tiago 4.4-6. Bíblia de Jerusalém).

Gente infiel! Será que vocês não sabem que ser amigo do mundo é ser inimigo de Deus? Quem quiser ser amigo do mundo se torna inimigo de Deus. Não pensem que não quer dizer nada esta passagem das Escrituras Sagradas: "O espírito que Deus pôs em nós está cheio de desejos violentos." Porém a bondade que Deus mostra é ainda mais forte, pois as Escrituras Sagradas dizem: "Deus é contra os orgulhosos, mas é bondoso com os humildes." (Tiago 4.4-6. Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

μοιχὶ καὶ μοιχαλίδες, οὐκ οἶδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ Θεοῦ ἐστίν; ὃς ἂν οὖν βουλευθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ Θεοῦ καθίσταται. ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφὴ λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκησεν ἐν ἡμῖν; μείζονα δὲ δίδωσι χάριν· διὸ λέγει· ὁ Θεὸς ὑπερῆφάνοις ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσι χάριν.⁶¹

A intertextualidade citada em Tiago, capítulo 4, versículo 5, é considerada por Angus como uma citação cuja origem não foi identificada, bem como Lopes, que aponta para a ausência de uma passagem da Bíblia veterotestamentária que seja similar à menção realizada pelo autor da epístola, o que caracteriza este texto como problemático. Alguns autores também apontam para "dificuldades bem conhecidas na tradução deste versículo"⁶² e para "questões exegéticas que tornam difíceis sua interpretação e sua tradução".⁶³

Nesta análise, serão considerados três termos-chaves, os quais, como se observa, são traduzidos diferentemente pelas versões. São as expressões: μοιχὶ καὶ μοιχαλίδες, traduzido como "Adúlteros", "Infiéis", "Gente infiel" e "esposa infiel"; φθόνον, traduzido como "ciúme" e "desejos violentos" e πνεῦμα, traduzido como "Espírito", "Espírito Santo" e "espírito".

A acusação de adultério é apresentada pelo autor dentro de um contexto que envolve a constatação de cobiça, inveja e contendas, consequências das próprias volúpias e paixões

⁶¹ OLIVETTI, Odayr. GOMES, Paulo S. **Novo testamento interlinear analítico grego-português: texto majoritário com aparato crítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 854-855.

⁶² BROWN, Colin; COENEN, Lothar (edits). **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1032.

⁶³ LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando a Carta de Tiago**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 126.

pessoais, ou o "amor ao mundo". O autor da epístola aponta para a ação de pessoas já batizadas, a quem ele se refere como "irmãos", que estariam cometendo um adultério espiritual (*μοιχι και μοιχαλίδες* - adúlteros e adúlteras) por conta de suas paixões.

Um ponto, certamente controverso, é a identificação do espírito (*πνεῦμα*), mencionado na passagem, comumente traduzido com letra inicial maiúscula, indicando o Espírito Santo de Deus. É importante observar que "na língua grega não se começavam palavras com maiúsculas para identificá-las como nome próprio ou referência à divindade".⁶⁴ Desta forma, é tão possível quanto provável que o texto se refira na verdade a um espírito humano.

Uma observação voltada ao estudo do texto grego pode gerar um profundo questionamento, não apenas no sentido de qual seria o espírito em questão na perícopa, mas também se realmente o termo "ciúme", constante na maior parte das traduções apresentadas se enquadra corretamente na referência. As informações a seguir apontam para as ocorrências contextuais e o significado do termo mais problemático do texto, a saber, a palavra "ciúme" (*φθόνον*):

φθονέω (*phthoneo*) - "ser invejoso"; *φθόνος* (*phthonos*) - "inveja". No Gr. secular, *phthoneo* pode significar "ter má vontade" de natureza geral, mas emprega-se mais especificamente para a "inveja" que se faz com alguém que tenha ressentimento contra outra pessoa por ter algo que ele mesmo deseja, sem porém, possuí-lo. O sub. *phthonos* se emprega de modo semelhante [...] No NT, *phthoneo* se acha uma só vez (Em Gl 5.26, onde "tendo inveja uns dos outros" se coloca em nítido contraste com o "viver no Espírito"). *phthonos* ocorre nove vezes, ao todo: (a) Nas Epístolas, aparece em várias listas de qualidade más que caracterizam a vida não redimida. É uma das "obras da carne" que se opõem ao "fruto do espírito" em Gl 5:19-24. Demarca aqueles que Deus entregou a uma "disposição mental reprovável" (*adokimon noun*, Rm 1.29). É um aspecto da vida antes da conversão (Tt 3.3), a ser "despojada", por aqueles que "crescem para a salvação" (1 Pe 2.2) [...]. A frase *dia phthonon*, "por causa da inveja", descreve os motivos malignos daqueles que entregaram Jesus a Pôncio Pilatos (Mc 15.10 par.). A mesma expressão reaparece em Fp1:15 (juntamente com *eris*, "contenda", e em contraste com *eudokia*, "boa vontade") [...]. É possível que Tg 4.5 ofereça o único exemplo de *phthonos* no bom sentido, embora haja dificuldades bem conhecidas na tradução deste versículo [...] A descrição de Deus como o amante ciumento que não pode tolerar um rival é destacada no AT, mas a palavra que se emprega para traduzir o Heb. *qin'âh* neste contexto é zelo, e não *phthonos* (Cf Zc 1.14). Assim, NEB (New English Bible) (e.g.) prefere considerar o espírito (humano) como sujeito da frase em Tg 4.5, dando a *phthonos* seu mau sentido usual de "inveja": "o espírito que Deus colocou no homem se volta para desejos invejosos."⁶⁵

Observa-se que o termo se repete dentro de contextos pejorativos. Esta característica já aponta para uma direção específica da utilização da palavra como algo negativo. Esta observação também se encontra em Barcklay:

⁶⁴ LOPES, 2006, p. 126.

⁶⁵ COENEN; BROWN, 2000, p. 1031-1032

Fthonos é "um tipo de dor diante da visão do sucesso" [...]. E esta dor tem sua origem, não no fato de que a pessoa que olha não possui a coisa magnífica; brota do fato de que a outra pessoa a possui. O homem que tem fthonos no seu coração não é inspirado por uma ambição nobre; simplesmente está amargurado diante da visão de outra pessoa possuindo o que ele não tem, e faria tudo quanto fosse possível, não para possuir a coisa, mas para evitar que a outra pessoa a possuísse. Fthonos é baixeza, é a característica do homem vil (Aristóteles: Política 2.10, 11) [...] fthonos nunca poderá ser outra coisa senão ciúme malévolo e amargo. Xenofonte, na Memorabilia, transmite uma definição de fthonos. "É um tipo de dor, não diante do infortúnio de um amigo, nem diante do sucesso do inimigo. Os invejosos são aqueles que se irritam somente com o sucesso dos seus amigos" (Xenofonte: Memorabilia 3.9.8). Fthonos é um sentimento horrível.⁶⁶

Observando as significações e aplicações do termo grego, é possível obter uma compreensão divergente em relação à maioria das traduções para a língua portuguesa, no caso a afirmação do hipotético "ciúme" divino. O termo em questão é frequentemente entendido pelos tradutores como uma expressão ciumenta de Deus ao povo que Ele ama. Este seria então o único registro em toda a Bíblia, onde esta expressão seria associada a um pensamento razoavelmente bom, contrastando com todas as demais ocorrências do termo, como pôde ser observado no trecho supracitado. Entretanto, Barclay afirma categoricamente que o termo "*fthonos*" sempre é aplicado no sentido de mau.⁶⁷

Dadas as considerações, a única possibilidade de que o termo em questão fosse aplicado a algo bom e divino, como se referisse ao Espírito Santo de Deus, seria a existência de um contexto que apontasse deliberadamente para tal situação; no entanto, através da observação de Lopes, fica evidente que este não é o caso. O autor opta pela tradução constante na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, onde o termo *φθόνον* foi traduzido como "desejos violentos", conforme as argumentações a seguir:

Torna clara a relação deste versículo com o anterior. Ao amarem o mundo e se tornarem inimigos de Deus (4.4), os cristãos estavam esquecidos da efetividade e da seriedade daquilo que a Bíblia afirma quanto à natureza humana, cheia de desejos violentos e propensa à inimizade com Deus. Não é em vão que a Escritura nos alerta sobre as corrupções de nosso coração, que podem nos colocar numa atitude de inimizade contra Deus [...]. Torna compreensível a relação desse versículo com o próximo. Enquanto 4.5 afirma que o espírito humano é agitado por violentos desejos pecaminosos, o versículo seguinte declara que Deus, contudo, dá uma graça maior do que esses desejos aos que humildemente o buscam para libertação [...]. Seguindo essa linha de interpretação, aqui temos Tiago repreendendo seus leitores por não levarem a sério o ensino bíblico sobre as paixões do espírito humano: *Ou supondes que em vão afirma a Escritura? Todo o que a Palavra de Deus afirma sobre a real situação do homem deve ser levado a sério [...]. O espírito humano, após a entrada do pecado, "está cheio de desejos violentos".*⁶⁸

⁶⁶ BARCLAY, William. **As obras da carne e o fruto do Espírito**. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 46.

⁶⁷ BARCLAY, 1985.

⁶⁸ LOPES, 2006, p. 127-128.

Além dos significados e da excelente argumentação supracitada, é possível ainda considerar a afirmação de Silva, de que toda tradução já é uma interpretação.⁶⁹ Verificando a expressão inicial do versículo 4, observa-se a expressão já citada "μοιχί και μοιχαλίδες" possivelmente tenha conduzido a maior parte dos tradutores a associar um termo aparentemente deslocado em sua relação com o *πνεῦμα* (espírito), como um sentimento de ciúme em relação a uma traição. Portanto, é oportuno assentir com a conclusão apresentada e, neste caso, propõe-se a concordância com a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, entendendo de maneira mais adequada as nuances do texto original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Bíblia em seus idiomas originais certamente acrescenta uma visão maior e mais viva do contexto e da mensagem presentes nos textos bíblicos. Assim, por menor que seja o entendimento deste aprendizado, as relações começam a se estabelecer de forma mais natural, o que auxilia a assimilação de profundos conceitos, paradigmas e comportamentos que contribuam para a prática teológica. A importância do estudo dos idiomas originais da Bíblia pode ser muito bem observada na obra de Lutero:

Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são as bainhas da espada do Espírito. São o cofre no qual se guarda essa preciosidade. Elas são o vaso que contém esta bebida. São a despensa em que está guardado esse alimento.⁷⁰

Atualmente, muitos pregadores "cristãos" falam o que querem sem dar atenção ao texto original, conforme observa Zágari.⁷¹ O alerta é lançado para apontar o risco de se pronunciar informações em nome das Escrituras, totalmente desalinhadas com seu texto, gerando heresias, interpretações sem reflexão, pragmatismos ou até mesmo manipulações. A maioria pode pensar que o trabalho exaustivo de preparar uma exposição baseada nas línguas originais não seria viável no trabalho ministerial, entretanto o tempo e o esforço investidos em um estudo dos idiomas originais pode levar o pesquisador a produzir materiais com potencial de fomentar diversas exposições e estudos.

A compreensão das línguas originais da Bíblia apresenta-se como um recurso eficiente na produção de materiais teológicos de profundidade e qualidade. Sem esta aproximação, a tendência é que os estudiosos sejam dependentes de material externo ou até mesmo estrangeiro, de forma que as opiniões teológicas não recebam nada de novo. Os próprios teólogos em suas reflexões seriam impessoais, repetidores de ideias terceirizadas e já interpretadas previamente por outros autores.

Não se espera que todos os líderes, pastores, obreiros e professores das igrejas sejam intensos conhecedores das línguas originais bíblicas, ou, conforme menciona Krahn, "não é necessário ser um pesquisador especialista ou doutor."⁷² É necessário, sim, conhecer o

⁶⁹ SILVA, 2000.

⁷⁰ LUTERO, 1995, p. 312.

⁷¹ ZÁGARI, 2013.

⁷² KRAHN, 2006, p. 10.

pensamento hebreu e grego". No entanto, é preciso que se busque fidelidade em relação ao texto sagrado. Entende-se, portanto, que é necessário um conhecimento que seja suficiente para a correta compreensão da mensagem bíblica, para a capacitação de profundos educadores e pregadores competentes que produzam pensamento teológico de qualidade para a Igreja de Cristo.

Mesmo um estudo superficial já pode constatar que, mesmo a mais afanosa tradução bíblica para a língua portuguesa, não consegue trazer em si os elementos culturais e sentidos regionais que cada palavra em sua língua original transporta em si. Este conceito é muito bem descrito por Silva: "[...] quanto mais profundo foi o nosso conhecimento das gramáticas do grego e do hebraico, tanto mais facilmente podemos identificar as questões que devemos tratar".⁷³

O autor avalia que "nenhuma tradução substitui o original". Portanto, entende-se que as línguas em si não apenas contêm palavras diferentes, são também manifestação da cultura e da identidade de seu povo. Faz-se, por isso, necessário, que haja nos meios teológico, eclesiástico e acadêmico, o desenvolvimento de formadores de opinião que venham exercer sua influência sobre as igrejas, que muitas vezes não possuem um bom preparo na interpretação das Escrituras; desta forma, podem ser fortalecidas na fé, na compreensão de sua própria identidade como cristãs em um mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2003.

BARCLAY, William. **As obras da carne e o fruto do Espírito**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica, fácil e descomplicada**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (edits). **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁷³ SILVA, 2000, p. 146.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A inspiração e inerrância das Escrituras**: uma perspectiva reformada. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

_____. **Fundamentos da Teologia Reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FISCHER, Alexander A. **O texto do Antigo Testamento**: edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico - Português - Volume 1 - Pentateuco**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

KAISER Jr, Walter; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KRAHN, Marie Ann Wangen. **Ensino e aprendizagem do hebraico**: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, Setembro de 2004.

KRAHN, Marie Ann Wangen. O estudo das línguas bíblicas: descartável ou essencial? **Revista Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 46, n. 1, 2006, p. 7-21.

LASOR, William Stanford. **Gramática sintática do Grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. **Interpretando a Carta de Tiago**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995. 5 v.

MONDIM, Batista. **Quem é Deus?**: elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

OLIVETTI, Odayr. GOMES, Paulo S. **Novo testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SAYÃO, Luiz A. T. **NVI, a Bíblia do século 21**. São Paulo: Vida, 2001.

_____. **Cabeças feitas: filosofia prática para cristãos.** São Paulo: Hagnos, 2001.

_____. **Agora sim! teologia na prática do começo ao fim.** São Paulo: Hagnos, 2012.

SILVA, Cássio M. D. **Leia a Bíblia como literatura.** São Paulo: Loyola, 2007.

_____. (Org). **Metodologia de exegese bíblica.** São Paulo: Paulinas, 2000.

SPROUL, R. C. **O conhecimento das Escrituras: passos para um estudo bíblico sério e eficaz.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento.** São Paulo: Batista Regular, 2009.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2001.

ZÁGARI, Maurício. Pregar não é para qualquer um. **Revista Liderança Hoje**, Niterói, n. 4, 2013, p. 18-21.

ZILLES, Urbano. **Desafios atuais para a Teologia.** São Paulo: Paulus, 2011.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1994.